



CAPÍTULO 1

“Para isso vocês foram chamados, pois também Cristo sofreu no lugar de vocês, deixando-lhes exemplo, para que sigam os seus passos.” (1Pe 2.21)

Era manhã de sexta-feira, e o reverendo Henry Maxwell tentava terminar o sermão para a manhã de domingo. Ele havia sido interrompido várias vezes e estava ficando ansioso à medida que a manhã passava e o sermão avançava muito lentamente para uma conclusão satisfatória.

– Mary – chamou pela esposa enquanto subia as escadas após a última interrupção –, se aparecer mais alguém, gostaria que você dissesse que estou muito ocupado e só posso atender se for algo muito importante.

– Sim, Henry. Mas vou até o jardim de infância, e você ficará sozinho em casa.

O ministro de Deus subiu para o escritório e fechou a porta. Ouviu a esposa sair depois de alguns minutos, e ficou tudo em silêncio. Com um suspiro de alívio, sentou-se à sua escrivaninha e começou a escrever.

O texto sobre o qual escrevia era 1Pedro 2.21: “Para isso vocês foram chamados, pois também Cristo sofreu no lugar de vocês, deixando-lhes exemplo, para que sigam os seus passos”.

Na primeira parte do sermão, ele havia enfatizado a Expição como sacrifício pessoal, chamando a atenção para o fato de Jesus ter sofrido de várias maneiras, tanto em vida como na morte. Depois, passou a enfatizar a Expição sob a perspectiva do exemplo, dando ilustrações da vida e dos ensinamentos de Jesus para mostrar como a fé em Cristo ajudava a salvar o homem graças ao modelo ou caráter que Jesus exibiu para ser imitado. Nesse momento, ele estava no terceiro e último ponto: a necessidade de seguir Jesus em seu sacrifício e exemplo.

Havia escrito “Os três passos. Quais são eles?” e estava prestes a enumerá-los em ordem lógica, quando ouviu o som brusco da campainha. Era uma daquelas campainhas com sons de vários sinos afinados que sempre parava como se fosse um relógio tentando dar doze batidas de uma só vez.

Sentado diante de sua escrivaninha, Henry Maxwell franziu levemente a testa. Não fez movimento algum para atender a campainha. Logo ela tocou mais uma vez; então ele se levantou e foi até uma das janelas de onde podia ver a porta da frente. Havia um homem em pé na escada. Era um jovem muito malvestido.

– Parece um mendigo – disse o ministro. – Pelo visto, vou ter que descer e...

Sem terminar a frase, desceu as escadas e abriu a porta. Houve uma pequena pausa enquanto os dois se olhavam, e então o rapaz maltrapilho disse:

– Estou desempregado, senhor, e imaginei que talvez o senhor pudesse me ajudar a arrumar alguma coisa para fazer.

– Não sei de nada. Quase não há trabalho por aqui – respondeu o ministro, enquanto fechava a porta devagar.

– Eu não sabia, mas talvez o senhor pudesse me indicar para a ferrovia da cidade, me recomendar para o responsável pela oficina ou algo

assim – continuou o jovem, enquanto passava, ansioso, o chapéu puído de uma mão para a outra.

– Não adiantaria. Desculpe, mas estou muito ocupado agora. Espero que encontre alguma coisa. Sinto muito não ter nada para você aqui. Tenho só um cavalo e uma vaca, e eu mesmo cuido do trabalho deles.

O reverendo Henry Maxwell fechou a porta e ouviu o rapaz descer a escada. Enquanto voltava para o escritório, olhou pela janela do corredor e viu que o homem seguia devagar pela rua, ainda com o chapéu nas mãos. Havia algo naquela figura sem ânimo, sem-teto e sem amparo que fez o ministro hesitar por um instante enquanto olhava para ela. Então ele voltou para a escrivaninha e, com um suspiro, retomou de onde havia parado.

Não houve mais interrupções, e, quando sua esposa chegou, duas horas depois, o sermão estava concluído, e as folhas espalhadas, agora agrupadas e organizadas sobre sua Bíblia, estavam prontas para o culto da manhã de domingo.

– Aconteceu algo estranho lá no jardim de infância hoje de manhã, Henry – disse a esposa enquanto jantavam. – Fui visitar a escola com a senhora Brown e, logo depois das brincadeiras, enquanto as crianças estavam em suas mesas, a porta se abriu e entrou um rapaz segurando um chapéu esfarrapado. Ele se sentou perto da porta e não disse uma palavra; ficou ali olhando para as crianças. Dava para ver que era um mendigo, e a senhorita Wren e a assistente dela, a senhorita Kyle, ficaram um pouco assustadas no começo, mas ele continuou sentado lá em silêncio e, depois de alguns minutos, foi embora.

– Talvez ele estivesse cansado e quisesse descansar em algum lugar. Acho que foi o mesmo homem que veio aqui. Você disse que ele parecia um mendigo?

– Sim, parecia um mendigo, bem sujo e esfarrapado. Não devia ter mais que 30 ou 33 anos.

– É o mesmo – disse o reverendo Henry Maxwell, pensativo.

– Você terminou o sermão, Henry? – perguntou a esposa, após uma pausa.

– Sim, tudo pronto. Foi uma semana bem cheia para mim. Os dois sermões me deram bastante trabalho.

– Espero que gostem deles no domingo – respondeu a esposa, com um sorriso. – Sobre o que você vai pregar pela manhã?

– Seguir Cristo. Falo sobre a Expição do ponto de vista do sacrifício e do exemplo, e depois mostro os passos necessários para seguir o sacrifício e o exemplo de Jesus.

– Tenho certeza de que será um bom sermão. Espero que não chova domingo. Temos tido domingos tão chuvosos ultimamente.

– Sim, já faz um tempo que o número de pessoas está bem reduzido. As pessoas não costumam ir à igreja em meio a um temporal.

O reverendo Henry Maxwell suspirou ao dizer isso. Pensava no esforço árduo e no cuidadoso trabalho dedicado no preparo de sermões para grandes plateias que acabavam não aparecendo.

Entretanto, a manhã de domingo despontou sobre a cidade de Raymond como um daqueles dias perfeitos que às vezes surgem após longos períodos de vento, lama e chuva. O dia estava claro e agradável, o céu não mostrava nenhum sinal de ameaça e todos os membros da paróquia do reverendo Maxwell se preparavam para ir à igreja. Quando o culto começou, às onze horas, uma plateia com as pessoas mais elegantes e prósperas de Raymond lotou o grande edifício.

A Primeira Igreja de Raymond acreditava ter a melhor música que o dinheiro podia comprar, e o quarteto vocal nessa manhã foi motivo de grande prazer para a congregação. O coral estava inspirador. Toda a programação musical estava alinhada com o tema do sermão. E o hino era uma adaptação elaborada em uma versão mais moderna que dizia:

“Jesus, tomei minha cruz,
Deixei tudo para te seguir.”

Pouco antes do sermão, a soprano fez o solo de um hino bem conhecido:

“Aonde Ele for, eu o seguirei,
Irei com Ele, com Ele, até o fim.”

Rachel Winslow estava muito bonita nessa manhã em pé atrás do parapeito de carvalho esculpido que evidenciava os símbolos da cruz e da coroa. Sua voz era ainda mais bonita que seu rosto, e isso significava muito. Ouviu-se um burburinho geral provocado pela expectativa da congregação quando Rachel se levantou. O reverendo Maxwell acomodou-se atrás do púlpito com ar de contentamento. O canto de Rachel Winslow sempre o ajudava. Ele geralmente cuidava para que houvesse uma música antes do sermão. Isso ajudava a inspirar sua pregação, tornando-a ainda mais impressionante.

As pessoas diziam umas às outras que nunca haviam ouvido algo tão bonito, mesmo na Primeira Igreja. É certo que, se não fosse um culto, o solo de Rachel teria sido aplaudido com entusiasmo. Quando ela se sentou, o reverendo teve a impressão de ter ouvido algo como uma tentativa de as pessoas aplaudirem ou baterem os pés no chão por toda a igreja. Isso o surpreendeu. No entanto, ao se levantar e iniciar seu sermão sobre a Bíblia, disse a si mesmo que havia se enganado. Era óbvio que isso não poderia acontecer. Em poucos instantes, ele se envolveu com o sermão, e tudo foi esquecido com o prazer de sua pregação.

Ninguém jamais havia acusado Henry Maxwell de ser um pregador sem graça. Pelo contrário, ele muitas vezes era visto como sensacionalista; não tanto pelo que dizia, mas pelo modo como dizia. As pessoas da Primeira Igreja, porém, gostavam disso. Essa característica conferia ao seu pregador e à paróquia uma gratificante distinção que agradava a todos.

Também era verdade que o pastor da Primeira Igreja gostava de pregar. Eram raras as vezes em que cedia lugar a outro. Ficava ansioso para estar no púlpito quando chegava o domingo. Aquela meia hora em que se colocava diante da igreja cheia, sabendo que as pessoas iriam ouvi-lo, era um estímulo para ele. Ele era especialmente sensível ao número de

peças presentes. Nunca conseguia pregar bem quando a audiência era pequena. O clima também era outro fator que claramente o influenciava. Era quando estava diante de um público como esse, em uma manhã como aquela, que ele dava o melhor de si. Sua satisfação aumentava à medida que prosseguia. A igreja era a primeira da cidade. Tinha o melhor coral. Entre seus membros estavam pessoas importantes, representantes da riqueza, da sociedade e da elite intelectual de Raymond. Ele estava indo viajar para o exterior nas férias de três meses no verão, e as circunstâncias de seu pastorado, sua influência e sua posição como pastor da Primeira Igreja na cidade...

Não é possível afirmar com certeza que o reverendo Henry Maxwell soubesse como podia ter tido esses pensamentos durante o sermão, mas, à medida que se aproximava do fim, ele sabia que em algum momento havia tido esses sentimentos. Eles haviam entrado na própria essência de seu raciocínio; tudo isso pode ter acontecido por alguns segundos, mas ele estava ciente de ter definido sua posição e suas emoções também, como se estivesse em um monólogo, e de que sua pregação fazia parte da sensação de uma profunda satisfação pessoal.

O sermão foi interessante. Estava repleto de frases impactantes que teriam chamado a atenção se estivessem impressas. Proferidas com a eloquência de um discurso dramático que tinha o bom senso de nunca ofender com devaneios ou invectivas, elas foram muito eficazes. Se naquela manhã o reverendo Henry Maxwell se sentiu satisfeito com as condições de seu ministério pastoral, a Primeira Igreja também sentiu algo semelhante ao se congratular por ter no púlpito uma pessoa tão erudita, refinada, de rosto expressivo, pregando com tanto entusiasmo e sem nenhum maneirismo vulgar, barulhento ou desagradável.

De repente, em meio a essa perfeita concordância entre pregador e ouvintes, houve uma interrupção inesperada. Seria difícil explicar a extensão do choque que essa interrupção causou. Foi tão inesperada, tão contrária à lógica de qualquer pessoa presente, que não houve espaço para argumentação ou, naquele momento, para resistência.

O sermão havia terminado. O reverendo Maxwell tinha acabado de fechar a grande Bíblia, colocando o rascunho do sermão no meio dela, e estava prestes a se sentar enquanto o quarteto se preparava para se levantar e cantar a música de encerramento:

“Tudo por Jesus, tudo por Jesus,
Todo o meu ser está remido dos poderes deste mundo...”

Nesse momento, toda a congregação se assustou com o som da voz de um homem. Veio da parte de trás da igreja, de um dos assentos de baixo da galeria. Em seguida, a figura de um homem saiu das sombras e começou a caminhar pelo corredor central da igreja.

Antes que a congregação assustada percebesse bem o que estava acontecendo, ele se dirigiu ao espaço aberto em frente ao púlpito e virou-se para as pessoas.

– Estou me perguntando desde que entrei aqui – foram as palavras que ele proferiu ainda debaixo da galeria, e as repetiu – se seria conveniente dizer algo no final do culto. Eu não estou bêbado, não sou louco e sou completamente inofensivo, mas, se eu morrer, como é muito provável que vá acontecer daqui a alguns dias, gostaria de ter a satisfação de pensar que falei o que precisava ser dito em um lugar como esse e diante de uma audiência como essa.

Henry Maxwell, que ainda não havia se sentado, nesse momento estava estático, debruçado sobre o púlpito, olhando para o estranho lá embaixo. Era o homem que havia passado em sua casa na sexta-feira anterior, o mesmo jovem sujo que parecia um maltrapilho. Carregava o mesmo chapéu desbotado nas mãos. Parecia um hábito que lhe agradava. Não havia feito a barba, e o cabelo estava sujo e despenteado. Era pouco provável que alguém como ele já tivesse confrontado a Primeira Igreja dentro do santuário. Essa condição humana era algo que as pessoas viam e toleravam nas ruas, perto da oficina da ferrovia, andando para cima e para baixo na avenida, mas nunca tinham imaginado um incidente desses tão próximo delas.

Não havia nenhum sinal de ofensa na maneira ou no tom do homem. Ele não estava exaltado e falava com a voz baixa, mas distinta. O reverendo Maxwell, enquanto permanecia ali mudo e atônito com o ocorrido, sabia que, de alguma forma, a ação do homem fez que se lembrasse de uma pessoa que ele uma vez vira em um sonho caminhando e falando.

Ninguém na congregação fez qualquer movimento a fim de deter o homem ou para, de algum modo, interrompê-lo. Talvez o choque inicial provocado por sua súbita aparição tenha se transformado em uma verdadeira perplexidade em relação ao que deveria ser feito. De qualquer forma, ele continuou, como se não imaginasse que pudesse ser interrompido e sem pensar no elemento inusitado que havia introduzido na liturgia da Primeira Igreja.

E, enquanto o homem falava, o ministro permaneceu debruçado sobre o púlpito, com o rosto cada vez mais pálido e mais triste a cada instante. Contudo, não fez nada para detê-lo, e as pessoas continuaram sentadas, tomadas por um silêncio tenso. Outro rosto, o de Rachel Winslow do coral, estava pálido e voltado para aquela figura maltrapilha com o chapéu desbotado. O rosto dela estava impressionante. Sob a pressão daquele incidente jamais visto, seu rosto se distinguia tanto que parecia emoldurado por chamás.

– Eu não sou um mendigo comum, embora não conheça nenhum ensino de Jesus que diga que certo tipo de mendigo é menos digno de salvação do que outro. Alguém conhece? – fez a pergunta com tanta naturalidade que era como se toda a congregação estivesse em uma pequena classe de estudo bíblico. Parou por um instante e tossiu, expressando dor. Então continuou.

– Perdi o emprego há dez meses. Sou tipógrafo. As novas máquinas de linotipo são belos exemplos de invenção, mas conheço seis homens que se suicidaram em um período de um ano por causa dessas máquinas. É claro que não culpo os jornais por comprarem essas máquinas. No entanto, o que se pode fazer? Eu sei que nunca aprendi nada além